

A trajetória luminosa de Evelyn Castro, que iniciou na tevê como cantora no reality show *Fama*, brilhou como comediante no *Porta dos fundos* e destaca-se como atriz em humorísticos como *Tô de Graça*, novelas como *Êta mundo melhor!* e filmes como *Caindo na real*

POR PATRICK SELVATTI

**E**velyn Castro é muitas em uma só. A cantora que surgiu para o grande público no reality *Fama* (2005); a atriz que encontrou no teatro musical o despertar do sonho de infância; a comediante que se tornou rosto familiar no humor televisivo; a protagonista de cinema que encara papéis desafiadores; a atriz que se destaca em novelas; e a mãe que, por trás de todos esses papéis, equilibra a vida com a intensidade de quem não sabe — nem quer — caber em uma única definição.

Hoje, vivendo a personagem Zenaide em *Êta mundo melhor!*, novela das 18h da Globo, Evelyn se consolida como uma das figuras mais completas da cena artística brasileira. Mas sua trajetória é marcada por curvas, reinvenções e uma busca incessante por verdade — seja no palco, seja diante das câmeras, seja no microfone.

Quando Evelyn se lançou no *Fama*, há 20 anos, era uma jovem cantora com sede de palco. O reality — do qual foi vice-campeã — foi sua vitrine inicial, mas também a primeira encruzilhada. “Ali, eu era cantora e consegui me consolidar enquanto atriz”, reflete. O deslocamento de foco não apagou sua relação com a música, mas trouxe novas inquietações. “Ainda tenho muita coisa para viver na música. Já passei por altos e baixos, já desanimei, mas sigo tentando entender quem sou eu nesse lugar.”

Essa relação pendular se traduz na sua própria obra. Nos musicais, encontrou a ponte entre o canto e a atuação. Não à toa, viveu — ou melhor, celebrou — obras de gigantes como Tina Turner, Tim Maia e Cássia Eller. Evelyn não os imitou; os encarnou em cena. “Eu não fiz Tina Turner, eu vivia a obra dela. Foi um enorme presente homenagear artistas que me influenciaram tanto”, defende. A experiência foi formadora em múltiplos sentidos. Ao lado de João Fonseca, diretor que ela considera sua verdadeira escola, reencontrou a atriz que sempre esteve dentro dela. “Quando me perguntam qual a minha formação, eu digo: é João Fonseca. Foi ele quem me moldou.”

E, ao dar voz a artistas de timbres singulares, entendeu também os próprios limites e singularidades. “Ter uma voz única é presente e desafio ao mesmo tempo, porque em musicais da Broadway, muitas vezes, o padrão é outro. Mas aprendi a transformar isso em força.”

Jhonne de Oliveira



# QUANTO MAIS EVELYN! MELHOR